

ECONOMIA

COMANDO

Sob ataque da ala mais radical do governo, o presidente do Banco Central parecia perder terreno. Mas, nas últimas semanas, virou o jogo e hoje é o homem de confiança do presidente Lula na área econômica

Meirelles domina a cena

RICARDO ALLAN
E VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Há pouco mais de um mês, quando anunciou a demissão de Afonso Beviláqua da poderosa diretoria de Política Econômica do Banco Central (BC), o presidente da instituição, Henrique Meirelles, foi tachado por muitos como um derrotado. A interpretação era de que, ao entregar a cabeça de seu fiel escudeiro — apontado pelos críticos da política econômica como conservador em excesso e o grande responsável pelas pífias taxas de crescimento do Brasil —, Meirelles havia perdido a batalha com a chamada ala desenvolvimentista do governo, liderada pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega.

Apesar dos sinais de fragilidade que tentavam imprimir ao presidente do BC, o que se vê hoje é que ele virou o jogo. Além de não ter cedido às pressões para acomodar, na diretoria do BC, o economista Demian Fiocca, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e amigo pessoal do ministro da Fazenda, Meirelles foi alçado pelo presidente Lula ao posto de homem forte na economia, vago desde que Antonio Palocci foi derrubado do governo por uma sucessão de escândalos.

A força do presidente do BC começou a se solidificar logo depois das eleições presidenciais do ano passado. Lula reconheceu que a sua esmagadora vitória junto à população mais pobre, sobretudo a beneficiada pelo Bolsa Família, foi fundamentada na brutal queda da inflação, alvo principal da equipe de Meirelles. Foi no mês passado, contudo, quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou a revisão do Produto Interno Bruto (PIB), que o presidente da República definiu o espaço de Meirelles em seu segundo mandato.

De posse dos números mais robustos da economia, mostrando que a tão criticada política de juros do BC não tinha impedido o país de crescer, e, melhor, permitiu uma distribuição de renda que há décadas não se via no país, Lula decidiu pôr um ponto final nas divergências que vinham dominando a equipe econômica, tendo, de um lado, a Fazenda e o Ministério do Desenvolvimento e, de outro, o BC. Ao determinar a unificação do discurso dentro do governo, o presidente da República explicitou: a linha a ser seguida na política econômica, sem contestação pública, é a da ortodoxia defendida pelo presidente do BC.

Coadjuvante, mas fiel

Analizados conjuntamente, três fatos ocorridos nas últimas semanas sinalizam o prestígio de Meirelles, que vive o seu melhor momento no governo, com acesso direto e constante junto ao presidente Lula. O primeiro foi o visível enquadramento de Mantega. Desde a entrevista em que comentou os números revisados do PIB, a soma das riquezas do país, o ministro passou a defender a ação do BC. Mantega, que não perdia nenhuma oportunidade para reclamar, explícita ou disfarçadamente, dos altos juros e do

câmbio valorizado, mal consegue esconder seu desconforto ao advogar em público a política ortodoxa de Meirelles, com a qual não concorda verdadeiramente. Mas, fiel ao presidente Lula, já aceitou seu papel de coadjuvante dentro do governo.

Tanto que, na semana passada, o ministro adicionou à defesa do BC a demissão do secretário de Política Econômica, Júlio Sérgio Gomes de Almeida, o segundo

fato a fortalecer Meirelles. Julinho, como é conhecido, era o personagem que mais fortemente se contrapunha às atuais políticas monetária e cambial. Com sua demissão já pedida mas não anunciada, o secretário dispensou a dar entrevistas culpando o BC pelo pésimo desempenho de alguns setores industriais, como têxteis, calçados e mó-

veis. Segundo Almeida, a dispensa de trabalhadores em massa nesses segmentos deve ser atribuída à perda de competitividade causada pelo real forte frente ao dólar, que prejudica exportações e facilita importações. Por sua vez, o câmbio valorizado seria filho direto dos juros altos fixados pelo BC, que atraem capitais especulativos para o país.

Mantega aproveitou a entrevista em que anunciou a saída de Almeida, nome tradicional-

mente ligado aos representantes da indústria paulista, e a entrada na equipe do ex-ministro da Previdência Social, Nelson Machado, para discordar publicamente do seu ex-bráço direito. De forma constrangedora, Mantega renunciou a suas crenças. "É uma opinião pessoal dele (Almeida). Evidentemente, eu não concordo.

Acredito que o Banco Central está praticando a política monetária adequada para o

país." Para o ministro, a economia brasileira está passando pelo "melhor dos mundos", com crescimento, inflação sob controle, taxa de juros caindo e risco-país batendo recordes para baixo. "Eu não posso condenar o Banco Central, que é um dos responsáveis por isso", ressaltou.

O terceiro fato foi a chegada de um ministro do Desenvolvimento afinado com as teses de Meirelles. Pelo menos, publicamente. Logo na primeira entrevista, na sexta-feira, Miguel Jorge deixou claro que não vai "dar voz", dentro do governo, às fortes críticas dos empresários à ação do BC. Assim, vai se diferenciar do seu antecessor, Luiz Fernando Furcal. "Quando você é ministro de um governo, está num time. São 11 atacantes e um técnico. Eles seguem a orientação. Se não seguem, são substituídos.

É muito simples isso", disse Jorge. Na visão do novo ministro, a indústria precisa se "reinventar" para conviver com o dólar a R\$ 2, pois qualquer eventual medida do governo para forçar a alta da moeda americana não mudará essa realidade de forma significativa. As indústrias teriam, portanto, de apostar na aumento da produtividade.

Alívio no mercado

Isso tudo mostra que Lula se inclinou definitivamente pela ortodoxia no controle da inflação como forma de promover um melhor ambiente com vistas ao crescimento econômico. Em outras palavras, o propalado desenvolvimentismo de uma ala do governo foi relegado a segundo plano. O presidente não vai, entretanto, atar as mãos do seu ministro da Fazenda. Embora enquadrado, Mantega continuará com a

função de manter as contas públicas em ordem e propor medidas pontuais para facilitar a expansão da produção e do consumo. Agora, sem o auxílio de Julinho, que esteve por trás das recentes iniciativas de redução dos juros bancários, diminuição dos efeitos do câmbio na atividade industrial, cortes de impostos e do próprio Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Miguel Jorge também está convocado a propor "saídas criativas", como ele mesmo disse.

Para o economista Maílson da Nóbrega, sócio da consultoria Tendências e ex-ministro da Fazenda, Mantega já percebeu que não tem condições práticas de mudar a política monetária e cambial. "Lula tem uma percepção muito clara do papel que a inflação baixa representou na sua reeleição. O câmbio valorizado permitiu avanços como o aumento do consumo de alimentos pelas famílias mais pobres. O presidente vem emitindo consistentes sinais de que incorporou a política do BC e não vai abrir mão dela", disse.

Na sua avaliação, Meirelles tem hoje mais prestígio com Lula do que no primeiro mandato, quando já havia conquistado status de ministro. Isso se traduz até em coisas triviais, como o despacho direto com o ministro Meirelles, sem intermediários. Esses despachos, por sinal, têm sido cada vez mais freqüentes e não limitados a conversas específicas, como até recentemente. "É um grande alívio saber que Lula optou por fortalecer Meirelles. Com isso, diminui substancialmente os ruídos que perturbavam o mercado quando Mantega insistia em criticar o BC", afirmou o diretor de um grande banco estrangeiro, traduzindo o pensamento de boa parte dos investidores que têm trazido uma enxurrada de dólares para o Brasil.



LULA DETERMINOU O FIM DAS DISCORDÂNCIAS E O MINISTRO MANTEGA FOI OBRIGADO A ACERTAR O PASSO COM PENSAMENTO ECONÔMICO DE MEIRELLES (E)